

FOI O SOL



Copyright

Conto de José M. da Silva

©

FOI O SOL

Certos dias o sol nasce mais redondo que em outros – para certas pessoas. E por isso nesses dias brilha mais, dando assim um toque mais claro a todas as coisas, ruas e pessoas. Especialmente às pessoas que trabalham o dia inteiro num escritório, trancadas sob os efeitos discutíveis de um ar artificial, ainda que gostoso; pessoas essas que começam a rotina às oito da manhã e voltam a casa lá pelas seis da noite – é, largam a rotina e vão à mesmice (desculpem se a palavra já foi usada por outra pessoa). Essas pessoas geralmente trabalham no centro da cidade, e divertem-se – quer dizer, o verbo divertir-se aqui tem o sentido de arranjar-algo-para-quebrar-a-monotonia, esquecendo assim a tal mesmice de acima – masturbando-se mentalmente (e às vezes até fisicamente) com as pernas das secretárias; indo ao banheiro de quinze em quinze minutos; telefonando; lendo o jornal; bajulando os mais superiores – e superiores aqui pode ser um eufemismo para os pseudo-chefes-mas-que-são-amigos-dos-chefes; – folheando revistas pornográficas e sonhando com as coxas bem torneadas e vaginas fumegantes que lá estão fotografadas de muito perto (que sorte a do fotógrafo!) – e provavelmente lamentando o fato de suas mulheres não serem nem de longe parecidas, mas que no fundo é uma glória, pois elas assim são honestas, e não putas; – vendo a batida lá embaixo e comentando que mulher devia era ficar em casa, ou que o cara tirou carteira em Portugal (os portugueses dizem que foi em Niterói). Naturalmente tudo isso é feito em grupos de no mínimo três porque o ser humano – de baixa linhagem intelectual, é claro – não tem coragem de fazer certas coisas sozinho; ele precisa de incentivo e companhia (exceto para o caso das pernas das secretárias e da bajulação). E nas horas vagas trabalham porque, afinal de contas, são pagos para isso.

Mas não é isso que eu queria contar. Voltemos ao sol que brilhava mais forte. Essa gente toda na hora do almoço forma no centro da cidade uma coisa parecida com uma aglomeração disforme de objetos que se movem, meio em grupos meio solitários, em direção a certos pontos estratégicos que poderiam ser chamados de lugares-~~onde-se-comer-algo-ruim-por-um-preço-algo-mas-que-não-tem-problema-porque-é-mais-prático-e-menos-vergonhoso-que-a-marmita~~. Pois bem. Uma dessas pessoas – uso o termo sozinho porque o adjetivo estúpida ficaria desencaixado; daria uma certa ênfase à pessoa, o que não absolutamente necessário – nesse dia em que o sol estava mais amarelo (vai ver que era porque estava mais perto da Terra) entrou num lugar daqueles e perguntou ao atendente.

— Esse pastel é de quê?

— De queijo — respondeu o outro.

Imagine-se agora a cena nos seus detalhes: os dois estavam separados pelo balcão de vidro com os salgadinhos por dentro expostos ao público faminto. O atendente – notem que é a segunda vez que uso atendente em vez de garçom, por razões estéticas e de veracidade – era um tipo baixo, não muito gordo, daqueles que gostam de ver o framengo jogar no domingo e que fazem o supletivo à noite –, por favor não vejam aqui qualquer preconceito, mas o simples comentário de um fato – entre outras características de menos importância.

O bar estava cheio de gente e o atendente ficou parado à espera de uma decisão do freguês, que, por sua vez, também se mantinha estático, esperando que o atendente o servisse, pois, pensou, seu silêncio era uma indicação mais do que bastante para tal.

É importante levar à observação que o freguês era um homem alto, bonito – bem, gosto é gosto –, do tipo que se vê em fotonovela abraçando e beijando a mocinha; aquele tipo por quem as suburbanas molham as calcinhas quando conversam com as amigas ou quando ficam à janela aos domingos vendo o dia passar, ou, como diriam alguns, vendo se aparece algum pretendente ao cargo de marido. Bem vestido, mostrava que devia ser uma pessoa cotada para uma promoção não muito longe, do tipo que a mulher média gostaria para amar – e amar aqui significa um nome mais bonitinho para ter-como-vigia, sustentáculo, príncipe-encantando, não-preciso-trabalhar, e outras vantagens mais que a garota zona sul diria que não quer, mas acaba casando tal e qual – em resumo, uma

figura comum no centro da cidade, dessas que usam uma aliança fininha na mão direita – que lá permanece por um bom tempo, o que revela um bom gosto por parte do usuário, por ser fininha, e um cego respeito à instituição do casamento (ou um casamento cego em respeito à instituição), embora o noivado dure frequentemente uns quatro anos, demonstrando certezas inabaláveis quanto às decisões tomadas no jantar bifamiliar, quando os alcoviteiros oficiais louvam o titubear do bom-partido – que namora sábado e domingo (os outros dias são da filial) e que dá porrada em quer mexer com a minha nega – que, por coincidência, é o nome de uma canção que ele conhece.

O rapaz do lado de dentro do balcão gostava de seguir as regras ao pé da letra – especialmente quando era ele quem as criava – e não via qualquer razão para servir o freguês que ainda não havia manifestado oralmente o desejo de comer ou não o pastel de queijo. E assim lá continuou: em pé, cabeça baixa, esperando a ordem que não vinha. Afinal ele não era nenhum adivinho; daí, como é que ia saber o que o cara queria? — Esses executivos têm cada idéia — pensou. — A gente tem que mostrar a eles quem é que manda, porra. Eles pensam que são os donos do mundo. Mas comigo não, aqui o buraco é mais embaixo. Quer o pastel, diz que quer o pastel. Eu não tenho instrução, e eu sei que sou pobre, não tenho nada, mas eu trabalho também, que merda; e comigo tem que fazer direito. Tá pensando o quê? — Esse era o atendente, que provavelmente era casado com a Maria, que a esta hora devia estar dando banho no mais novo e xingando a barriga enorme que não deixava ela andar direito e o barraco que na última chuva quase rolara o morro.

Já o homem do lado de fora do balcão pensava que esses tipos eram todos iguais, que não viam a sua posição. Afinal o pastel custa caro, e ele está pagando. — Então eu tenho o direito de exigir ser bem atendido. Esse babaca tá pensando que é o quê? O gerente? Paraíba do cacete! Se não me perguntar, eu também não respondo. Precisa dizer? O cara ta vendo que eu quero o pastel. Se eu não falei nada é porque eu quero, né?

A mulher atrás do balcão em frente já havia trocado de perna três vezes – era porque ela estava usando um sapato de salto alto, que provavelmente ganhara do marido – não no aniversário, mas num dia como outro qualquer, num desses arroubos de paixão aos quais se entregam certos homens que chegam tarde em casa com a boca cheirando a cachaça e o pescoço a perfume barato – e o salto era muito alto. Portanto, ela tinha que descansar os pés de vez em quando. Ela até havia passado o rizzoli para a mão direita e deixara a esquerda estendida sobre o balcão; talvez assim o cara do outro lado visse que ela era casada e parasse de olhar – se bem que ele era bem bonitinho, tinha um peito cabeludo que se via pela abertura da camisa, e a boca era grande (o que deveria fazer aquela boca?). Só que o colarinho estava meio sujo...

E foi aí que o garçom resolveu atender outro freguês – gostaram? Usei garçom. É menor –, ao mesmo tempo em que o freguês decidia comer em outro lugar – talvez churrasquinho no pão.

De noite a Maria, meio entediada e mal-humorada, ouviu a história de um cara maluco que havia entrado nos eixos com uma bronca do marido, ao qual todos tinham dado razão.

E a virgem, mas nem tanto, que fazia serviço social – não que ela gostasse de ser virgem, mas é que podia perder o noivo; e não que gostasse de ajudar os outros, mas o que iria pensar a família do moço se ele se casasse com uma moça sem faculdade (serviço social era fácil de entrar) – ouviu pelo telefone lá pelas duas da tarde a briga do noivo com o cara do bar, com vidro quebrado e tudo – e um beijão pra ela cheio de saudades que sábado ele contava tudo. Não, a polícia tinha prendido o cara do bar, não ele. É lógico.

Rio, 1983.